

PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO
(Professor Titular da U.E.R.J. e Professor de
Pós-Graduação na U.F.R.J.)

1. Introdução

A matéria que nos cabe apreciar, neste IV Encontro Nacional de Professores Universitários de Literatura Portuguesa, ainda não está inteiramente consolidada na estratégia do ensino brasileiro. Os nossos cursos de Pós-Graduação são recentes, muitos ainda não reconhecidos pelo Conselho Federal de Educação, e outros apenas reconhecidos quanto ao Mestrado, mas não quanto ao Doutorado. Vivemos, assim, em caráter a bem dizer experimental, uma fase de simples instalação desses cursos. Por isso mesmo, a discussão do assunto se torna de extrema importância num encontro nacional de professores universitários, como este, que reúne especialistas em Literatura Portuguesa de várias de nossas Universidades. E pretendemos, para bem equacionar o problema, dividi-lo em vários níveis de discussão, adiante especificados.

2. Graduação e Pós-Graduação

Num primeiro nível de discussão, gostaríamos de fixar o princípio de que a Pós-Graduação não é, como muitos pensam, simples extensão da Graduação. Na verdade, trata-se de nova etapa de aprofundamento técnico e profissional, que não pode estar aberta a todos os graduados, indiscriminadamente. Há pré-requisitos indispensáveis para o acesso à Pós-Graduação, razão que justifica o critério seletivo adotado (e quanto mais rigoroso melhor) pelas Faculdades devidamente credenciadas pelo Conselho Federal de Educação para a instalação de tais cursos. Transformar a Pós-Graduação em simples extensão da Graduação seria condená-la ao insucesso, na medida em que se verifica que nem todos os alunos graduados apresentam condições necessárias e indispensáveis para seguir um curso de Pós-Graduação, como as provas a que são submetidos claramente o demonstram.

Há, portanto, uma exigência preliminar imposta aos alunos que vão iniciar a Pós-Graduação. Mas essa exigência, evidentemente, não pode ser unilateral. Impõe-se, por outro lado, que os professores credenciados se organizem tecnicamente para ministrar cursos capazes de atingir a necessária verticalização. Do contrário, a Pós-Graduação correria o risco de transformar-se naquilo que deveria ser a Graduação. Somente assim, com essa dupla exigência, a Pós-Graduação estará preservada de vícios que lhe seriam fatais. E então a ela será justo confiar o destino da Universidade Brasileira.

3. A Função Integradora da Pós-Graduação

Num segundo nível de discussão, será lícito considerar-se aquilo a que denominamos a função integradora da Pós-Graduação. Ela é fundamental num País como o Brasil, que apresenta desenvolvimento cultural assimétrico, pois esse desenvolvimento varia de região para região. Daí a necessária função integradora, acima referida, e que se traduz, em termos operacionais, na vinda de professores de regiões culturalmente menos desenvolvidas para regiões culturalmente mais desenvolvidas, ou vice-versa. Trata-se, como se vê, de uma função corretora, necessária ao processo geral de desenvolvimento da cultura brasileira. Esse intercâmbio, em nível de Pós-Graduação, revitalizará a Universidade, unificando-a em torno de projetos culturais mais amplos e mais sólidos. E isso porque é no espaço da Pós-Graduação que se abre o campo da pesquisa universitária, pois os seus cursos não se limitam a transmitir conhecimento, voltados que devem estar para a promoção do conhecimento. Aqui está, precisamente no ato de promover o conhecimento, o objetivo maior da Pós-Graduação.

4. A Situação da Literatura Portuguesa

Aqui, como se vê, penetramos num nível específico de discussão do problema, aquele que se relaciona com a situação da Literatura Portuguesa no quadro geral da Pós-Graduação. De início, deve ela situar-se no complexo das letras vernáculas e nunca isoladamente. Daí a presença de duas alianças imediatas: a Língua Portuguesa de um lado e a Literatura Brasileira de outro. Numa espécie de jogo de espelhos entre as duas, a visão da Literatura Portuguesa se tornará mais visível. De fato, o seu estudo, nesse contexto, comparado, só tem a ganhar.

Num âmbito de alianças maiores, impõe-se ainda a sua conexão com a Teoria da Literatura e com a Lingüística, como articulações também indispensáveis. Aliás, de outra forma, não se poderia promover um ensino verdadeiramente universitário, ensino para o qual a setorização estará sempre interdita. E isso é tanto mais importante quanto mais verificamos que, por força de hábitos do passado, a Literatura Portuguesa nos foi e vem sendo incorporada pela tradição. Temos, assim, uma visão estática da Literatura Portuguesa. Com isso, queremos dizer que nenhuma revisão verdadeiramente crítica tem predominado nesse setor de ensino. E isso é o que se espera da Pós-Graduação, pois no seu espaço se abre o campo da pesquisa universitária, como já assinalamos. Sobretudo em nossos dias, diante do grande desenvolvimento das ciências da linguagem, em particular da Teoria da Literatura e da Lingüística, que estão indicando e sugerindo novos rumos de estudo e de investigação. Nesse sentido, e peço licença para citar o exemplo, a Coleção Oskar Nobiling, destinada à revisão crítica de textos medievais

galego-portugueses, parte exatamente da recusa de qualquer visão institucionalizada do problema. Assim, a leitura que propusemos, dentro desse espírito comum, para os textos de Pero Meogo, antes de tudo, procurou definir uma atitude universitária. A atitude de uma revisão crítica de um saber mais ou menos institucionalizado. E esse procedimento, que procuramos adotar em relação a textos medievais, precisa irradiar-se aos textos de época posteriores, até chegarmos aos nossos dias. Se fomos ou não bem sucedidos na pesquisa acima referida, cabe à crítica universitária dizer. O que pretendemos assinalar aqui é a nova atitude que une todos os autores da Coleção Oskar Nobiling, atitude que não é apenas minha. Uma atitude que busca todo o aparato técnico consolidado ao longo desses últimos vinte anos para rever criticamente a literatura medieval. E só com essa atitude, estamos certos, a Pós-Graduação poderá abrir novos horizontes culturais.

Outro aspecto importante se relaciona com o modo de ler a obra de arte literária. Essa leitura não tem que ser apenas de um tipo, mas de vários. O que decisivamente condenamos, entretanto, é a confusão de métodos de leitura, de algum modo freqüente entre nós, inclusive em dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Com efeito, não raro uma leitura de cunho estilístico mistura Bally, Vossler e Amado Alonso com Derrida, Greimas e Lacan. Outras vezes, confunde-se forma com estrutura, sem orientação universitária precisa, capaz de distinguir uma análise formal de uma análise estrutural. Isso é o que não se pode aceitar, de modo algum. O que se aceita é a escolha consciente de um tipo de leitura (estilística, hermenêutica, formalista ou estruturalista) e a conseqüente fidelidade ao tipo de leitura escolhido.

Em síntese, o que importa no ensino de Literatura Portuguesa, em cursos de Pós-Graduação, é a formação preliminar de uma atitude capaz de promover novas formas de conhecimento, indo além da pura e simples transmissão do saber. Importa ainda a consciência dos métodos adotados na pesquisa, uma pesquisa universitária conseqüente, necessariamente comprometida com o desenvolvimento a que as ciências da linguagem atingiram em nossa época. Uma pesquisa capaz de rever criticamente tudo o que se vem dizendo, bem ou mal, da Literatura Portuguesa, ao longo dos quase cinco séculos de nossa existência. Por isso, os cursos devem ser realmente planejados e executados em cortes verticais, por uma equipe de professores categorizados e para alunos em condições técnicas de acompanhá-los.

Na verdade, que se pretende para a Pós-Graduação? Um sistema altamente seletivo ou um sistema aberto capaz de satisfazer grandes números? Se a Pós-Graduação nada tem a ver com a cultura de massa, então o seu ensino seletivo deve verticalizar-se, à medida que o próprio sistema se for aperfeiçoando. A alternativa da massificação, como é evidente, deve ser repelida, sem maiores discussões. Eis aí o que importa, pois o resto é adjetivo.

5. Pós-Graduação em Sentido Amplo e em Sentido Restrito

A Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro apresenta o maior elenco de cursos de Pós-Graduação no Brasil: ao todo, 18

disciplinas. Os cursos são credenciados de cinco em cinco anos, para Mestrado e Doutorado. A regulamentação desses cursos será fornecida aos presentes em folhas mimeografadas, o que nos poupa de fazer considerações sobre o assunto.

Assim, passamos a considerar os conceitos de Pós-Graduação em sentido amplo e em sentido restrito. A Pós-Graduação em sentido amplo abrange os cursos de especialização, de aperfeiçoamento, de atualização e de treinamento profissional. Em sentido restrito, apenas os cursos de Mestrado e Doutorado. Muitas vezes, há alunos graduados em condições de seguir determinados cursos de Pós-Graduação em sentido amplo, mas não os de sentido restrito. Esses últimos, como já assinalamos, exigem extremo rigor na seleção do pessoal docente e discente. Tais cursos são coordenados pelo professor Eduardo Portella, sob a direção geral do professor Afrânio Coutinho, num trabalho árduo, mas de extrema importância nessa fase inicial de instalação da Pós-Graduação no Brasil.

6. Conclusão Geral

Nesta conclusão geral, cabe-nos apenas agradecer aos organizadores do IV Encontro Nacional de Professores Universitários de Literatura Portuguesa a indicação de nosso nome para expor o nosso ponto de vista sobre o assunto que nos reúne aqui. Afinal, será bom repetir, da Pós-Graduação depende o destino da Universidade Brasileira, razão por que devemos adquirir a consciência do seu valor, consciência necessária para que se vá além da fase de advento e para que a Pós-Graduação se transforme num centro de promoção e de irradiação do conhecimento, incorporando-se os seus resultados ao processo superior de desenvolvimento da cultura no Brasil.

A propósito de PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

Intervenção de ANTÔNIO SÉRGIO LIMA MENDONÇA
**(Professor do Instituto de Arte e Comunicação da Universidade
Federal Fluminense)**

Quero de início, congratular-me com a realização deste seminário e dizer de público da honra que tenho em debater com meu amigo e ex-professor (duas vezes na graduação e pós-graduação) Leodegário Azevedo Filho.

Concordamos em linhas gerais com as opiniões do professor Leodegário, sem nem um reparo mesmo a fazer, apenas, gostaríamos de ressaltar normas gerais sem as quais o ensino da Literatura Portuguesa estaria fadado à esterilidade:

Não se pode conceber o desenvolvimento literário da língua portuguesa, apontando-se suas duas expressões (literaturas brasileira e portuguesa), de suas condições históricas (inter-relacionamento dos contextos sociais de Portugal e do Brasil, sem, contudo, concebê-las e concebê-los em relação homológica, preferindo-se a isto a distância alegórica. Dever-se-á buscar Delfos e Pitonisas na escritura mágica da Teoria Literária, vê-las e vê-los revolvendo criticamente, e, às vezes, inerente cristal da língua e finalmente, no lugar da realidade, como se ela fosse a face cruel da fantasia sob o manto diáfano da metáfora.